



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
*Gabinete da Presidência*

**VOTO DE CONGRATULAÇÃO**

A Fábrica da Baleia de São Roque do Pico - Museu da Indústria Baleeira celebrou, no passado dia 20 de maio, o seu 25.º aniversário.

A atividade baleeira em São Roque do Pico iniciou-se na década de 80, do séc. XIX, quando António José Pinheiro Júnior e António Cristiano de Sousa obtiveram alvará para a instalação de caldeiros para extração de óleo de cachalote, no lugar do Cais Velho. Aqui se processavam os cachalotes capturados, com o animal acostado ou encalhado junto ao cais. As tiras do toucinho e a cabeça eram içadas para a parte superior da rampa, com a ajuda de cabrestantes, que auxiliavam igualmente na varagem das embarcações. No cimo da rampa localizava-se a casa dos caldeiros. Os toucinhos eram derretidos, a fogo direto, em grandes caldeirões.

Entre 1908 e 1926, são várias as armações que aqui exerceram a sua atividade. Na década de 30, do século XIX, existiam, em São Roque do Pico, três companhias baleeiras: a Companhia Velha Baleeira, de João Machado Soares; a Armação Baleeira Atlântida, de José Cristiano de Sousa; e a Armação Baleeira Livramento, de Manuel Garcia da Rosa Júnior. Em 1942, estas três sociedades fundiram-se e constituíram uma sociedade comercial por quotas, Armações Baleeiras Reunidas, Lda., que tinha como objetivo construir uma fábrica para aproveitamento integral de cetáceos.

A construção da Fábrica de Vitaminas, Óleo, Farinhas e Adubos, das Armações Baleeiras Reunidas, Lda., sediada no Cais do Pico, no lugar do Cais Novo, estava concluída em 1946. No entanto, só em 1951, na sequência de um aumento de capital da sociedade, se começa a produzir farinhas de carne e de ossos. Nesta altura também se dá início ao processamento de fígados de cachalote para a produção de vitaminas.



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
*Gabinete da Presidência*

A emigração para os Estados Unidos, após o Vulcão dos Capelinhos, em 1957, na ilha do Faial, o baixo preço oferecido pelo óleo, a valorização do petróleo como fonte energética e a implementação da pesca do atum e da indústria de conservas no arquipélago, bem como algumas questões ecológicas e ambientais foram alguns dos fatores que marcaram o início do fim e a decadência da atividade baleeira nos Açores.

A última fábrica dos Açores a se manter em funcionamento, até 1984, foi a fábrica das Armações Baleeiras Reunidas, Lda., em São Roque do Pico, atual Museu da Indústria Baleeira e o 1.º museu industrial dos Açores.

Com o fim da caça à baleia, nos finais dos anos 80, do séc. XX, ficou um valioso património de saberes, ao qual está associado um importante património material, constituído pelas embarcações baleeiras, botes e lanchas e pelos edifícios e maquinaria, que, em terra, foram utilizados na atividade baleeira.

A baleação transformou-se, assim, numa atividade-memória, consagrada e explicada nos museus e o cachalote renasceu como objeto de culto e consumo visual, emblema da identidade dos Açores.

A Fábrica de Vitaminas, Óleo, Farinhas e Adubos das Armações Baleeiras Reunidas, Lda. (ABRL), situada na Rua do Poço, no Cais do Pico, foi adquirida, em 1990, pela Secretaria Regional do Turismo e Ambiente. Ao edifício principal está ainda associado um conjunto de construções - carpintaria; oficinas de serralharia e ferraria-fundição; garagem da camioneta; armazém industrial; armazém piscatório e industrial; retrete.

O processo de reconversão museológica, uma musealização de sítio, iniciado em 1992, foi da responsabilidade e coordenação do Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores, e teve a colaboração da Câmara Municipal de São Roque do Pico, do Clube Naval e de muitos munícipes, nomeadamente antigos operários da fábrica.



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
*Gabinete da Presidência*

O Museu da Indústria Baleeira foi inaugurado a 20 de maio de 1994, abrindo ao público a fábrica de transformação de cachalotes, edifício principal do complexo piscatório e fabril das Armações Baleeiras Reunidas, Lda.

Em 2004, foram realizadas intervenções ao nível da comunicação museológica e da museografia, da autoria do Museu do Pico, do Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores e da BarroAçores.

Em 2011, foi inaugurado o projeto de requalificação e reconversão urbanística e paisagística do museu, da autoria dos arquitetos Rui Pinto, Ana Robalo e Luís Cabral. Foram reabilitados e readaptados os edifícios envolventes e os espaços exteriores, de onde se destaca a nova galeria de exposições temporárias, antiga carpintaria, uma grande praça interior e um memorial à indústria baleeira.

O museu é constituído pelos seguintes núcleos expositivos, de longa duração: rampa de varagem e plataforma de desmancho de cachalotes; guinchos exteriores; caldeiras; autoclaves do óleo e das farinhas; secadores e prensa; geradores elétricos; moinho e autoclaves dos fígados; camioneta; farinhas; depósitos de óleo de baleia.

O Museu da Indústria Baleeira, o primeiro museu industrial público dos Açores, instalado na mais importante empresa baleeira do arquipélago, assume-se, em complementaridade com o Museu dos Baleeiros, como uma estrutura museológica da ilha do Pico e dos Açores com um espaço de explicação global da indústria baleeira insular.

Assim, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores aprova um Voto de Congratulação ao Museu da Indústria Baleeira de São Roque do Pico, pelos seus 25 anos de atividade, assumindo-se como um instrumento estratégico de desenvolvimento



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
*Gabinete da Presidência*

integrado do concelho, capaz de contribuir decisivamente para a sua promoção cultural e identitária, à escala local, nacional e internacional.

Aprovado, por unanimidade, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 4 de julho de 2019.

A Presidente da Assembleia Legislativa  
da Região Autónoma dos Açores

Ana Luísa Pereira Luís